

Questão 1 -> Segundo a "prática taylorista de planejamento", sinalizada por Padilha (2005), a figura do(a) professor(a) seria um(a) mero(a) executor(a) de ações pensadas e planejadas por outros sujeitos numa relação hierarquizada, em que, essas ações são determinadas "de cima para baixo". Neste esquema, o currículo é considerado como um modelo prescritivo, burocrático com um conjunto de conteúdos a ser transmitido em um determinado período de tempo.

Padilha (2005) defende uma forma diferente de planejar o trabalho pedagógico, dentro de um paradigma que considera a escola e seus segmentos como local de produção e ressignificação de conhecimentos e valores. Sendo assim, temos uma nova visão sobre o currículo e seu planejamento. Segundo Moreira e Candau (2008) "O currículo, ..., é o coração da escola, o espaço central, em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração". Ainda segundo os autores, o(a) professor(a) ocupa espaço vital na materialização do currículo praticado nas escolas e salas de aula, destacando a importância de se promover discussões e reflexões sobre o currículo, tanto formal e o oculto, nestes espaços. Os autores também consideram como uma obrigação profissional a participação ativa dos docentes na elaboração dos currículos, uma vez que são esses profissionais que os concretizam nas salas de aula, no "chão" da escola diariamente.

Questão 2 -> Segundo Nilma Lino Gomes (2012) quanto mais avançamos na democratização de acesso à escola, mais diversidade teremos nas salas de aula. Neste sentido, a escola constitui-se como espaço de "cruzamento de culturas e saberes" e tem por responsabilidade promover análises e interações que venham a contribuir para a desconstrução de preconceitos e resistências ao que é percebido como "diferente". Neste pro-



esse, a construção do currículo tem papel fundamental para propor essas práticas que venham a promover a discussão e a reflexão da influência da cultura hegemônica sobre o conhecimento que é construído nas escolas. Segundo Moreira e Candau (2008) o currículo é território de disputas de poder em "torno dos significados", sendo portanto, espaço de produção e reprodução de cultura através dos discursos. Ao selecionar os conhecimentos que serão trabalhados na escola, pode-se indicar como tensões:

- A hierarquização dos conhecimentos: algumas disciplinas são consideradas "superiores" às outras e, por esse motivo, são privilegiadas na organização curricular e possuem maior prestígio social. Tendo privilégios no planejamento, nas práticas pedagógicas e nas avaliações. Um exemplo seria a matemática em detrimento da filosofia.

- Quais discursos estão implícitos nos conteúdos selecionados? Quais identidades são legitimadas ou silenciadas? A cultura das minorias, o discurso do vencido, enfim, as vozes dos grupos sociais minoritários tendem a ser "caladas" em prol da cultura dominante. É necessário refletir e desvelar essas dinâmicas de exclusão na produção dos conhecimentos.

- A escolha dos conteúdos permitirá aos estudantes construir um instrumental teórico para refletir sobre a realidade, ou os conteúdos selecionados contribuirão para a manutenção do "status quo" do estudante e das estruturas sociais? É necessário refletir sobre esse espaço que educadores(as) e demais profissionais da educação ocupam no momento de seleção de conhecimentos a serem trabalhados com os alunos, pois cada escolha realizada representa a ocupação da ideologia de um determinado grupo ocupando espaço privilegiado na escola. Segundo Moreira e Candau (2008) "o currículo não é um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um

lugar em que,ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura. Currículo, refere-se, digo, refere-se, portanto, a criação, recriação, contestação e transgressão.

Questão 3 -> A Declaração de Salamanca é considerada como o grande marco para a Educação Inclusiva, desde sua assinatura por dezenas de países, incluindo o Brasil, foram elaborados muito material e produzidas muitas pesquisas sobre a prática pedagógica dentro deste novo paradigma educacional.

Rosana Glat (2005) afirma que para que a educação inclusiva ocorra de fato é necessário ressignificar e reformular a instituição escolar, suas estruturas, rotinas e práticas, uma vez que este novo paradigma da educação rompe com os padrões, med, digo, métodos e avaliações praticados até então. Ao admitir que todos os alunos podem ter necessidades educacionais especiais em algum momento da vida, rompe-se com a padronização da escola, sendo necessário um atendimento individualizado, que atenda às necessidades específicas de cada aluno. É importante ressaltar que a educação inclusiva diz respeito à inclusão não só de alunos que possuam alguma síndrome, deficiência física ou intelectual mas também dos alunos provenientes de classes populares, minorias étnicas, culturais e sociais. A partir da instituição da educação inclusiva deu-se início à democratização do acesso à Educação escolar formal.

A escola precisa ressignificar-se para atender às novas demandas geradas pelo movimento de inclusão escolar; dentre elas:

- Adequação curricular: as práticas pedagógicas, os recursos didáticos, o tratamento dado ao conteúdo

e as formas de avaliação necessitam adequar-se às necessidades dos estudantes garantindo assim, o direito à aprendizagem. Dependendo da necessidade educacional, o(a) estudante tem o direito, garantido por lei, a um currículo e avaliação diferenciados, denominado em alguns municípios como Plano Educacional Individualizado (PEI) a ser elaborado em conjunto com os familiares, docente, orientação pedagógica e professor(a) do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

- Formação continuada específica: a equipe técnico-pedagógica da escola, incluindo docentes necessita de formação que os prepare para esta nova realidade escolar. É necessário refletir e analisar todos os aspectos que envolvem essa questão, buscando sensibilizar todos os profissionais para as transformações que se fazem necessárias para tornar a escola, de fato, numa escola inclusiva.

- Recursos humanos de apoio educacional especializado: a educação inclusiva não aboliu nem muito menos abrouveu a educação especial. Glat (2005) afirma que a educação especial que atuou como sistema paralelo ao sistema educacional regular durante anos, agora cumpre o papel de suporte ao sistema regular no que diz respeito aos alunos incluídos. A escola precisa de profissionais especializados que prestem atendimento às especificidades desses alunos como intérpretes para os alunos surdos, professores especializados para o AEE, mediadores de aprendizagem entre outros.